

FRANKENSTEIN: UMA LEITURA APROFUNDADA EM SALA DE AULA.

Edimar Leandro Boian, Elias Candido Pinto, Cristiane de Souza

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade observar a obra Frankenstein ou O Prometeu Moderno, a ser analisada no decorrer de uma sequência de aulas de literatura. Objetivou-se um estudo aprofundado por meio de práticas de leitura e breves levantamentos de conhecimento prévio que os alunos possuem para traçar um paralelo com o imaginário comum. Ademais, analisou-se os temas educacionais abordados no romance de Mary Shelley, como política, sociedade, ética, responsabilidade, criação, entre outros assuntos. Foi também sugerida a análise biográfica e de contexto de produção a partir de um filme.

Palavras-chave: Análise; Estudo; Mito; Literatura; Frankenstein.

ABSTRACT

The purpose of this work is to observe the book Frankenstein or The Modern Prometheus, to be analysed in the literature classes course. The objective was an in-depth study through reading practices and brief surveys of prior knowledge that students must draw a parallel with the common imagination. Furthermore, the educational themes covered in Mary Shelley's novel were analysed, such as politics, society, ethics, responsibility, creation, among other subjects. Biographical and production context analysis from a film was also suggested.

Keywords: Analysis; Study; Myth; Literature; Frankenstein.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade apresentar a obra Frankenstein ou O Prometeu Moderno, a ser analisada no decorrer de uma sequência de aulas de literatura. Objetivou-se um estudo aprofundado por meio de práticas de leitura e breves levantamentos de conhecimento prévio que os alunos possuem para traçar um paralelo com o imaginário comum. Ademais, analisou-se os temas educacionais abordados no romance de Mary Shelley, como política, sociedade, ética, responsabilidade, criação, entre outros assuntos. Foi também sugerida a análise biográfica e de contexto de produção a partir de um filme.

Há obras na história da literatura que se mesclam com a vida do autor, Frankenstein é um exemplo disso: É e foi escrito pela britânica Mary Shelley com apenas 17 anos no século XIX, em Genebra, Suíça.; esta A inglesa Mary Shelley é tida até hoje como a primeira autora a trabalhar com inspirações científicas usando das ciências naturais como pano de fundo para trazer questões reflexivas acerca da humanidade em sua história. Considerada precursora no

gênero da Ficção Científica, mas não deixando de lado as inspirações ~~do~~ movimento romântico gótico de fantasma da época. Sua obra foi estruturada a partir de cartas, e daí o fato de ser um romance epistolar.

Escrito há mais de dois séculos, em 1818, e publicado sem crédito da autora, o livro Frankenstein, ou O Prometeu Moderno tem passado por gerações. E uma questão se impõe: após tanto tempo é possível haver algum tipo de atualidade na história que marcou os primórdios do seu estilo?

A obra foi escrita numa época em que mulheres não tinham muito espaço no meio literário. A ousadia de Mary, portanto, foi um grande marco para época. A obra aborda assuntos atuais, como política, ética, relações sociais, existência. Shelley traz ótimos diálogos reflexivos entre “criatura e criador”, onde conflituam bem e mal: afinal quem é o monstro da história? É E, com essas provocações, que despertamos e fomentamos o debate e troca de ideias entre os alunos após a leitura de cada capítulo.

A proposta ao escolher esse romance para a leitura coletiva em sala de aula centra-se em analisar, ao longo de semanas, o que a narrativa e vida da autora tem a dizer nos dias de hoje. Os temas trabalhados serão abandono, solidão, morte, valor da aparência, ausência de nome, responsabilidade, o poder educativo dos clássicos, e, por fim, meio x natureza. O que se pretende é a reflexão sobre tais temas presentes na narrativa de Shelley e sua relação com os dias atuais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Quando a criatura "apaga" o criador

“Frankenstein ou O Prometeu Moderno sobrevive como uma das obras mais conhecidas no âmbito do terror. Todavia, a representação da criatura eternizada no imaginário popular é incongruente e pouco se assemelha àquela delineada no romance. A explicação para isso reside no fato de ser Frankenstein um *mito literário*, tal qual Drácula, Sherlock Holmes, Tarzan, Capitão Nemo - todos personagens que encobriram seus autores, libertando-se de seus textos originais e povoando o imaginário coletivo. Frankenstein, contudo, vai além: o romance eclipsa sua autora à semelhança da criatura, que além de ofuscar outro personagem protagonista, Victor Frankenstein, acaba por usurpar o nome deste no mundo extraliterário.”(CHAVES,2020)

Trata-se de uma história amplamente representada. No cinema, a primeira adaptação despontou num curta-metragem mudo de 16 minutos, dirigido por J. Searle Dawley e produzido por Thomas Edison, em 1910 (EUA). Não obstante, o filme que eternizou a clássica criatura - pele verde, cabeça chata, suturas pelo corpo, andar vagaroso, parafusos no pescoço, fala

retardada - estreou em 1931, sob direção de James Whale, tendo como estrela Boris Karloff, o "Frankenstein".

Atualmente a franquia de desenhos animados Hotel Transilvânia dá continuidade ao legado da obra, perpetuando um empréstimo enganoso: a criatura é chamada de Frank. Ademais, como lembra Nazarian (2017), hoje Frankenstein se tornou adjetivo, caracterizando aquilo que é malfeito, remendado.

A mulher que gerou o clássico

Sabe-se que no romance é comum que o autor utilize passagens de sua própria vida. Este é o caso de Frankenstein. Mary Shelley, a autora, teve uma vida repleta de desventuras, tragédias e falta de liberdade. Para começar, sua mãe, Mary Wollstonecraft, faleceu poucos dias depois de concebê-la, em 1797, vítima de febre puerperal ou do parto.

Embora órfã de mãe, Mary cresceu num ambiente repleto de incentivo. Sua casa ou casas (mudara de casa constantemente com a família, fugindo de credores) recebeu as mais diversas personalidades intelectuais da época, dentre os quais Coleridge. Mas foi Percy B. Shelley a visita que conquistou Mary. Eles se apaixonaram e fugiram acompanhados de Jane, meia-irmã de Mary, pois o pai delas não aceitava a união, embora tenha defendido o não matrimônio na primeira edição de sua obra máxima. Ademais, Percy era casado com Harriet, a quem abandonou grávida do segundo filho. Em 1816, Harriet ~~se~~ suicida-se (afoga-se)- e Percy morreria da mesma forma, mas num acidente de barco, em 1822.

Mary concebeu quatro filhos, mas apenas Percy Florence Shelley (1819 - 1889) sobreviveu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os clássicos sempre têm algo a nos ensinar, independentemente de quando foram escritos. São textos que, embora gerados numa determinada sociedade, angariam um status maior, um legado atemporal. Desprendidos, pois, da força corrosiva do tempo, embrenham-se pelo desconhecido da alma e mente humana e analisam nosso comportamento criticamente a fim de expor nossas úlceras.

Frankenstein, não por acaso, persiste fascinando o leitor moderno. Mary, tal qual sua progenitora, encontrou na pena, passe livre para escancarar aquilo que lhe desagradava ou perturbava. As vicissitudes por que passa sua criatura poderiam bem ser pautas atuais:

abandono, rejeição, apatia. A autora, de modo revolucionário, revela como é ser o outro, o proscrito.

Mary é uma precursora de um estilo de narrativa, e isso, por si só já é o suficiente para introduzi-la em sala de aula. Há criticidade elevada e patente nas palavras dessa inglesa. Por isso, a sequência didática que aqui foi proposta, para além de incentivar a leitura, tentou desenvolver a criticidade e o olhar sensível do educando. Por vezes, como parece pontuar a autora, a vaidade e o egocentrismo, quando em demasia, nos tornam monstros cegos, incapazes de se solidarizar com o outro. Em certa medida, temos nossos preconceitos, mas o melhor que fazemos é suprimi-los em favor da cortesia, gentileza, e, sobretudo, do respeito. Talvez esse seja o legado que a autora quis deixar para as próximas gerações de leitores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua estrangeira**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHAVES, Jayme Soares. As metamorfoses de Frankenstein (1816-1974). In: REIS, C.; SILVA, L. M. (Orgs) **Figuração de personagens monstruosas**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020. p. 52-80. Disponível em: http://www.dialogarts.uerj.br/php/exibe_tfc_literatura.php. Acesso em: 15 de outubro de 2021.

GORDON, Charlotte. **Mulheres extraordinárias: as criadoras e a criatura**. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2020.

GUIMARÃES, Armando Rui; ARAÚJO, Alberto Felipe. O monstro de Frankenstein: uma leitura educacional. In: ARAÚJO, A. F.; ALMEIDA, R.; BECCARI, M. (Orgs) **O mito de Frankenstein: imaginário & educação**. São Paulo: FEUSP, 2018. p. 114-135. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/213>. Acesso em: 20 de setembro de 2021.

NAZARIAN, Santiago. Apresentação: "It's alive! It's alive!". In: **Frankenstein ou O Prometeu moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. p 7-16.

SILVA, Alexander Meireles da. **Literatura inglesa para brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2005.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 1998.